



Corrente Proletária ESTUDANTIL

☎ (11) 95446-2020 | pormassas.org | @massas.por | anchor.fm/por-massas

Corrente Estudantil do Partido
Operário Revolucionário

Membro do Comitê de Enlace
pela Reconstrução da
IV Internacional

nº 3 de 2023 - 12 de julho

AOS DELEGADOS DO 59º CONUNE

Carta aos estudantes universitários e à juventude oprimida em geral

No retorno às aulas, em agosto, esperamos que os Centros Acadêmicos (CAs), não apenas divulguem as decisões do 59º Conune, como também organizem as discussões nas bases e passem imediatamente à mobilização. A princípio, devem convocar reuniões e realizar assembleias. Se o Congresso não for encarnado pelas massas estudantis, significa que não cumpriu sua função de centralizar as decisões que impulsionem a luta em todo o País.

A situação econômica, social e educacional exige respostas do movimento estudantil. Somente as massas jovens, unidas em torno a bandeiras extraídas da realidade e a objetivos políticos claros, podem comprovar as fortalezas e as fraquezas do Conune. São os estudantes em luta que se valerão de seus acertos e corrigirão os seus erros em suas decisões. A direção eleita deve ser rapidamente submetida pelas bases nas universidades brasileiras. O que ocorrerá, se o Conune superar o estreitamento da democracia e a força política dominante da burocracia que condicionaram a “preparação” das discussões das teses e a eleição dos delegados. Para isso, os representantes estudantis, aqui reunidos no 59º Conune, devem discutir conscientemente os perigos da política de conciliação de classes e de apoio ao governo burguês de Lula, que é de frente ampla. Governo esse constituído, inclusive, por partidos da direita oligárquica burguesa (MDB, PSD e União Brasil), tal como está expresso nas Teses da direção da UNE, formada pela aliança do PCdoB com o PT, e outras correntes minoritárias serviçais.

A Corrente Proletária Estudantil-POR chama a atenção dos delegados para a questão estratégica posta no centro da Tese da direção, que é a de levar o Congresso a aprovar a diretriz de apoio ao governo Lula, em nome do enfrentamento ao fascismo bolsonarista. Não menosprezamos a existência de uma tendência ultradireitista que se potenciou com o golpe de Estado contra o governo petista de Dilma Rousseff e condenou Lula à prisão. Não diminuimos a importância da aventura golpista de 8 de janeiro. Mas, na presente situação, a classe operária, os demais trabalhadores e a juventude oprimida estão diante de um governo burguês de frente ampla, que foi eleito pela maioria descontente com Bolsonaro, mas que serve aos interesses da classe capitalista, e, em particular, ao grande capital.

Nesses seis meses iniciais de Lula na Presidência, já foi possível identificar as forças políticas que de fato determinam o curso da governabilidade. Somente os cegos, interesseiros, politiquinhos e oportunistas ocultam que Lula e seu governo de frente ampla sequer estão pela ruptura com os fundamentos econômicos do liberalismo burguês e pró-imperialistas, que

caracterizaram os governos de Temer e Bolsonaro, ou seja, da direita e da ultradireita. Logo de início, se desfizeram a farsa e as ilusões de que Lula poderia se colocar pela revogação da contrarreforma trabalhista e da lei da terceirização, que atingem profundamente a classe operária e o conjunto dos trabalhadores. A juventude vem há muito sendo golpeada pelo desemprego, subemprego e trabalho intermitente, cujas consequências para sua vida escolar são trágicas. A destruição de antigas conquistas sociais das massas indica o estágio avançado da decomposição do capitalismo e da barbárie social. Eis por que, seja um governo burguês de centro-direita ou de ultradireita, seja de centro-esquerda, está obrigado a atender aos interesses da minoria capitalista em contraposição às necessidades mais prementes da maioria explorada. O que resulta na obrigatoriedade de combater tanto o governo fascizante quanto o democratizante que ataque a vida das massas, sem que se deixe de diferenciar o regime político imperante.



A política que defende a democracia burguesa às custas da renúncia da luta de classe dos explorados contra os exploradores resulta em traição, e não em combate ao regime antidemocrático. A estratégia de apoio ao governo Lula, que guia as Teses da direção para ser aprovada pelos delegados do Conune, tem de ser caracterizada como negação do programa próprio da classe operária e demais trabalhadores, portanto, da maioria que compõe a juventude oprimida. O Arcabouço Fiscal e a Marco Temporal aprovados no Congresso com elaboração ou participação do governo petista recaem sobre os explorados. Servem aos banqueiros, grandes industriários, latifundiários e credores da gigantesca dívida pública. As negociações entre o governo, partidos e homens da oligarquia que comandam o Congresso Nacional em torno à reforma tributária é a última das demonstrações nesse rol de acontecimentos que evidenciam a subordinação do governo Lula ao grande capital e às frações oligárquicas da burguesia nacional.

Nos primeiros dias de seu governo, o petista afastou qualquer possibilidade de recuperar as perdas acumuladas do salário mínimo e de aumentar o seu valor real de compra. Essa posição de proteção aos interesses dos exploradores assinalou o caminho que seguiria o governo de frente ampla. Nem mesmo a reivindicação de estudantes e professores para que o governo revogasse o Novo Ensino Médio, Lula atendeu. Seu ministro Camilo Santana adiou a decisão para ganhar tempo e, assim, negociar algumas emendas que não alterarão a sua essência.

Tudo indica que a proposição de apoio ao governo Lula é o ponto central das decisões do 59º Conune. Se no momento de sua

realização a direção colaboracionista (UJS e juventudes do PT) manobrar para que não seja o fator condicionante das votações, não mudará a diretriz expressa em suas teses. Cabem às forças que se opuseram ao colaboracionismo do Pcdob, PT e aliados exigirem uma posição de independência da UNE diante do governo. O que implica não apenas negar qualquer apoio à governabilidade burguesa, como também se colocar por uma oposição revolucionária, que organize a luta estudantil por um programa de reivindicação que expresse a necessidade da juventude oprimida.

Nesta Carta aos Estudantes, a Corrente Proletária Estudantil apresenta somente em linhas gerais as posições de nossas Teses ao 59º Conune. Uma vez tendo claro que é necessário rejeitar a estratégia de apoio ao governo Lula e à política de colaboração de classes, o segundo ponto em importância se encontra na defesa de um sistema único, público e científico de ensino, controlado por quem estuda e trabalha. Essa tarefa democrática exige a luta pelo fim do sistema privado de ensino, que deve ser estatizado, sem indenizações. O enorme domínio da universidade privada restringe o lugar da universidade pública e torna a mercantilização da educação em fator predominante. A bandeira de acesso universal não pode ser levada adiante pelo movimento estudantil aceitando a coexistência de dois sistemas antagônicos. Se não se luta pelo acesso universal, admite-se o filtro de classe que prevalece no sistema educacional vigente. É de grande importância a luta combinada pelo acesso universal, pela permanência e fim da enorme evasão. Somente nesse terreno é possível fazer a defesa do acesso universal, em todos os níveis, à maioria oprimida da juventude. O contrário também é verdadeiro, a direção da UNE, ao se sujeitar à coexistência do ensino público com o privado, está defendendo uma posição voltada à minoria, uma política de exclusão, ainda que conte com a ascensão de uma camada pobre da classe média e do proletariado.

O apoio ao governo Lula pela UNE resultará em reforçar essa perspectiva de classe, adversa às necessidades da maior parte da juventude proletária, camponesa e de classe média pobre. A própria política de ações afirmativas (cotas, Fies, PROUNI) se encaixa nesse marco delimitado pelo Estado capitalista.

A questão do ensino a distância atingiu uma grande importância na última década e se projetou nos dois anos de pandemia. A posição de regulamentar, de aumentar as exigências curriculares, de adaptar a pedagogia às novas tecnologias e de fiscalizar o mercado do ensino virtual eleva a um nível inimaginável a impostura das posições reformistas que clama por uma “escola de qualidade”. Não pode haver dúvida de que o ensino a distância é uma excrecência do capitalismo em decomposição. Evidentemente, não se pode confundir essa modalidade mercantil da educação com a aplicação da tecnologia no ensino, que é o que menos se faz.

Finalmente, as Teses da Corrente Proletária Estudantil chamam a atenção da juventude e traz para a discussão no 59º

Conune a posição de que não se pode desligar, abstrair ou minimizar as bases sociais da crise da educação. A escola, do ensino fundamental ao universitário, acaba sendo, inevitavelmente, uma caixa de ressonância das contradições do capitalismo senil. A universalização da educação básica se realiza apenas formalmente. Uma massa de crianças não chega à alfabetização plena. A grande maioria de jovens que completa o ensino médio, por sua vez, não tem como continuar os estudos superiores. É muito difícil e até mesmo completamente adverso à maioria acasalar o trabalho com os estudos. O desemprego, a pobreza e a miséria que atingem milhões de famílias determinam, em última instância, as possibilidades das crianças e dos jovens de realizarem a aprendizagem próxima aos níveis de civilização alcançada pelo capitalismo em geral e pelo seu desenvolvimento em particular no Brasil semicolonial.

São patentes os reflexos bárbaros na escola dos profundos antagonismos de classes, que não podem ser superados nos marcos do capitalismo e que tendem a se ampliar, ainda que não seja em linha reta. As políticas públicas amenizam aqui e ali para uma camada minoritária, mas acaba fracassando diante da calamidade vivida no dia a dia pela maioria. Os reformistas precisam ocultar em suas teses as terríveis condições sociais em que a escola se acha imersa. A burguesia, seu Estado e, assim, seus governantes não podem realizar reformas estruturais, que criariam condições de pleno emprego, extinção do subemprego e eliminação da miséria. O governo pretensamente reformista de Lula se enquadra nessa impossibilidade.

O Conune tem que encarar essa verdade histórica e procurar as respostas de classe, que vêm do proletariado. A defesa mais elementar do ensino, da democracia escolar, do acesso universal ao ensino superior e da permanência nos estudos depende para sua realização das massas jovens se colocarem no campo da luta de classes do proletariado, que caminha no sentido da abolição do capitalismo e edificação da sociedade socialista. A estratégia preconizada pela direção da UNE é oposta a esse curso histórico da luta pela educação vinculada à produção social.

As Teses da Corrente Proletária Estudantil são claras em defender que a juventude oprimida deve se colocar por um programa de transformação da educação como parte do programa da revolução social, que será proletária. Esta Carta objetiva chamar os universitários e o conjunto da juventude, sendo que a maioria está fora da escola, a lutar pela constituição de uma nova direção para as organizações estudantis.

Por um Congresso da UNE independente do governo Lula e de toda a política burguesa!

Pela aprovação de um programa de reivindicação que unifique a maioria da juventude em defesa do ensino público, em todos os níveis, com acesso e permanência a todos!

Por uma campanha nacional de defesa dos empregos, salários e condições de estudos a toda juventude!

LANÇAMENTO!

**GUERRA NA
UCRÂNIA**

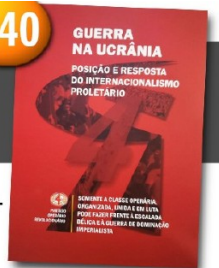
Posição e
resposta do
internacionalismo
proletário

R\$ 40

**GUERRA
NA UCRÂNIA**
POSICÃO E RESPOSTA
DO INTERNACIONALISMO
PROLETÁRIO

Somente a classe operária, organizada, unida e em luta pode fazer frente à escalada bélica e à guerra de dominação imperialista.

Adquira já com o distribuidor do Jornal Massas.



**Milite no POR, um partido
de quadros marxista-
leninista-trotskista.
Discuta nosso programa.
Acesse nosso site e redes sociais
através do QR Code ao lado.**

